

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

A PEREGRINAÇÃO DE AGOSTO, 13

Os dias 12 e 13 de Agosto são em cada ano destinados, como é sabido, à peregrinação diocesana de Leiria. No corrente ano esta peregrinação assumiu proporções extraordinárias pelo número elevado de pessoas que acorreram ao local privilegiado da Cova da Iria e pelo esplendor e imponência dos actos religiosos comemorativos da graça das aparições.

Um fim especial teve ela em vista: agradecer a Deus e a sua Mãe Santíssima o bom êxito da melindrosa operação a que Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria teve ultimamente de se sujeitar no Hospital de Jesus em Lisboa, onde esteve internado cerca de um mês.

De todos os pontos do país vieram também muitos milhares de fiéis. Da diocese de Leiria tôdas as freguesias se fizeram representar largamente.

Os actos collectivos decorreram na melhor ordem, sendo edificantes a fé e a piedade dos que nêles tomaram parte.

Estiveram presentes, além de Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria e de Monsenhor Manuel Pereira Lopes, Vigário Geral da diocese do Pôrto, três ilustres Prelados: os de Coimbra, Cabo Verde e Angola e Congo.

A procissão das velas, favorecida por uma noite de céu nublado e de atmosfera tranqüila, desenrolou-se majestosamente através das avenidas do Santuário, produzindo um efeito deslumbrante e encantador.

A meia-noite, depois de cantado o Credo pela multidão reunida em frente do altar exterior da Basílica, começou a tocante cerimónia da adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto.

Durante o turno da adoração geral, da meia-noite às duas horas, rezou-se o têrço do Rosário meditando-se os mistérios gloriosos. Nos intervalos das dezenas prêgou sobre os respectivos mistérios Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. Moisés Alves de Pinho, venerando Bispo de Angola e Congo.

Seguiram-se até às 6 horas os turnos de adoração das peregrinações de Setúbal, Peniche e Atouguia da Baleia, Ferreira de Zézere, Condeixa-a-Vélha e Cernache e Campanhã (Pôrto).

As 6 horas, dada a bênção eucarística e encerrado o Santíssimo Sacramento, principiou a Missa da comunhão geral.

Cerca de quarenta sacerdotes ajudaram o celebrante a distribuir pelos fiéis o Pão dos

Anjos. Foi um espectáculo solene e edificante.

Houve muitos milhares de comunhões.

Entretanto, e desde as 4 horas, os sacerdotes peregrinos iam celebrando o Santo Sacrifício nos numerosos altares do Santuário.

A capela das confissões, em tôda a noite, regorgitou de homens e rapazes que aguardavam pacientemente a sua vez de se aproximarem do santo tribunal da Penitência a-fim-de purificarem as suas consciências.

Das 6 às 8 e meia horas, tiveram Missas privativas as pe-

A disputa catequística teve do Senhor Bispo de Cabo Verde lances interessantes prendendo a atenção dos assistentes e produzindo em todos a impressão mais agradável.

Houve também uma reunião para os homens católicos da Diocese de Leiria.

Ao meio-dia oficial realizou-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que foi conduzida no seu rico andor aos ombros dos Servitas, por entre alas compactas de povo, até ao cimo da escadaria do Rosário,



Os Senhores Bispo Conde de Coimbra, Bispo de Angola e Congo, de Cabo Verde e Leiria vão antes de recolher a Procissão com Nossa Senhora da Fátima dar a Bênção à multidão dos peregrinos

reginações de Condeixa-a-Vélha e Cernache, Setúbal, Ferreira de Zézere, Peniche e Atouguia da Baleia, A-dos-Cunhados e Campanhã.

As 9 horas realizou-se na escadaria monumental do Rosário, a disputa solene do catecismo. Presidiu Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria e assistiram os demais Prelados presentes na Cova da Iria.

Na Vigararia de Leiria tinham sido aprovados para irem a Fátima disputar os prêmios de catecismo o menino Francisco Manuel Lopes Vieira de Oliveira Dias e a menina Ofélia Marques da Cruz Marcelino. Cada um dêles obteve um prêmio de 150\$00.

Os outros dois prêmios ambos de 20\$00, foram ganhos pelas meninas Laurinda da Silva, de Freixianda, e Maria Regina Henriques Duarte de Sousa, da Batalha.

onde ficou junto ao altar.

O vasto anfiteatro oferecia nesse momento um espectáculo admirável e encantador.

As irmandades, confrarias, associações de piedade, grupos da Juventude de Acção Católica, estavam escalonados na parte central da grande esplanada.

A seguir erguiam-se os pequenos pavilhões que abrigavam dos raios ardentes do sol as centenas de doentes inscritos que ocupavam os bancos do recinto para êles reservado. Nos degraus da escadaria estacionavam dum lado e doutro, em massas compactas, as crianças das cruzadas eucarísticas e das catequeses da diocese de Leiria.

Emolduravam o quadro esplendoroso dezenas e dezenas de estandartes, bandeiras e flâmulas que se agitavam à mercê do vento.

Celebrou a Missa o veneran-

mente exposto o Santíssimo Sacramento. Deu a bênção individual aos doentes o venerando celebrante da Missa. Levava a umbela o Sr. dr. António Guerra, visconde da Barreira.

Os doentes choravam de comoção e rezavam com fervor. No recinto reservado viam-se muitas religiosas de diversas congregações, revestidas dos seus hábitos.

Terminados as invocações e os cânticos, a *schola cantorum* do Seminário de Leiria entoou o *Tantum ergo*.

No fim foi dada a bênção eucarística a tôda a multidão.

Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria fez então uma breve alocação aos peregrinos.

Disse em resumo o venerando Prelado:

«Meus queridos peregrinos:

Sejam as minhas primeiras palavras «Bemdito e louvado



seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia!»

No dia solene de hoje, perante esta imponente peregrinação, eu quero agradecer em vosso nome e no meu a Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores Bispos que se dignaram tomar parte nesta grandiosa manifestação de fé.

Agradeço ao Senhor Bispo Conde que não se esquece de que é oriundo desta diocese.

Agradeço aos Senhores Bispos de Cabo Verde e de Angola e Congo que, sendo grandes missionários nos nossos domínios ultramarinos, são também grandes apóstolos de Nossa Senhora da Fátima nas suas dioceses. Oraí por êles para que Nossa Senhora da Fátima proteja as suas dioceses e converta tantas almas ainda imersas nas trevas do paganismo.

Eu quero agradecer as orações e sacrifícios que fizestes por mim. Há um mês que jazia prostrado na cama dum hospital.

Vós fizestes orações e sacrifícios por minha intenção. Fostes vós que me alcançastes esta graça, como reconheceu o próprio médico que me operou, surpreendido com o êxito completo que teve tão melindrosa operação.

Queridos doentinhos! Nossa Senhora da Fátima é tão boa e tão nosso Mãe, que, se não cura os nossos males, nos envia sempre a resignação para os suportar santamente.

Agora, todos aos pés de Jesus, vamos cantar o hino de acção de graças da Santa Igreja: *Te-Deum laudamus, Te Dominum confitemur*.

Cantado o *Te-Deum*, os quatro venerandos Prelados, colocando-se em fila no átrio da Basílica, benzeram conjuntamente os objectos de piedade dos peregrinos e deram depois a bênção episcopal.

Efectuou-se em seguida a última procissão, sendo reconduzida a imagem da Santíssima Virgem para a capela das aparições onde se leu a costumada fórmula de consagração a Nossa Senhora e se cantou o *Queremos Deus*.

Começou então a debandada dos peregrinos.

Estavam terminados os actos collectivos da peregrinação de Agosto.

Visconde de Montelo

Conta Dois Caminhos

—E agora?... Que há-de ser de nós?...

Margarida, a mais velha das duas órfãs, apertou de novo a irmã contra o coração como se quisesse comunicar-lhe o vigor do seu temperamento e a esperança na Divina Providência, que nunca a abandonava.

— Coragem, Carlota!... Deus não falta aos que nele confiam.

— Deus! exclamou doridamente Carlota. Ele que nos rouba o único amparo, que nos deixa à mercê de desconhecidos se não quisermos esmolar o nosso pão!...

Tinham saído as últimas pessoas que haviam tomado parte no funeral do pai das duas raparigas e um antigo colega de repartição do falecido e que era agora pequeno lavrador nos arredores da cidade tinha-lhes oferecido, em vista da situação embaraçosa em que elas ficavam, abrigo sob as suas telhas e um lugar à sua mesa.

— Mas, irmãzinha querida, prosseguiu animosamente Margarida, e os nossos braços?... Se não temos aptidões para ganhar a vida com grandes proventos, ganhá-la-emos como for possível... Ao menos como criadas!

— Criadas! ecoou a voz indignada da mais nova, enquanto os seus olhos chorosos miravam as mãos mimosas, de unhas rosadas e polidas.

— E porque não? Se te custa — e com razão — aceites o oferecimento que o sr. Martins nos faz por caridade, porque não há-de decidir-te a trabalhar? Ora ouve... tu és um pouco fraca, mas eu sou forte. Diz-me... não era bom se fôssemos servir para a mesma casa... eu faria os trabalhos mais pesados e tu os mais leves...

— Não!... não!... Se temos de ficar sem a nossa casa...

— Sem dúvida! Não é cosendo ou bordando que ganharemos para pagar a renda e nos sustentarmos...

— Então... salamos daqui... quanto mais depressa melhor!

— Não... não iremos por enquanto. Temos ainda um mês de vencimento do nosso pai... coisas a vender e dívidas a pagar. Ah! que se eu pudesse trabalhar para ambas!...

Margarida ficou-se pensativa. Quem sabe, se, apesar das poucas habilitações que possuía, obteria colocação como mestra de primeiras letras, externa, mas onde lhe dessem alimentação e ordenado suficiente para manter a irmã? E havia de deixá-la o dia inteiro sózinha entregue aos devaneios da sua cabeinha leviana?... Não, mil vezes não! Antes aceitem o convite do amigo do pai e ela saberia, com a ajuda de Deus, com o seu trabalho e a sua dedicação, compensá-lo de tal generosidade.

— Margarida... queria dar-lhe uma palavra em particular...

— As suas ordens, padrinho, respondeu a jovem que, bem como sua irmã, se habituara a dar esse tratamento ao bondoso ex-funcionário. Falara em tom calmo mas com o coração apertado porque pressentia chegada a hora de explicações dolorosas e resoluções talvez mais dolorosas ainda. Na sua frente o sr. Martins, com ar grave, afagava a barbilha esbranquiçada e, embaraçado, hesitava...

De repente, vinda do exterior, uma gargalhada estridula fez-o estremecer. Num gesto brusco, perfeito contraste com a afabilidade de há pouco, pe-

gou no braço da rapariga e arrastou-a para a janela que dava para a horta. Correndo estouvadamente, rindo e acenando, provocante, com um enorme cravo, Carlota furtava-se à perseguição de Lúcio, filho do dono da casa, mecânico naval que, pela segunda vez depois da estada das órfãs na quinta, ali vinha em gozo de licença. E o hortelão e o ajudante, e mais ao longe umas raparigas que sachavam, interrompiam o trabalho para observarem a cena, divertidos e maliciosos.

— Margarida, disse então o sr. Martins, agora pegando afectuosamente naquelas mãos que ele sempre observara tão diligentes em todo o género de ocupação e que se lhe estendiam suplicantes, sabe que a estimo como verdadeira filha, mas isto não pode continuar. Quando o Lúcio aqui esteve o ano passado, pela simpatia e admiração que ele mostrava ter pela menina, julguei que em breve teria a ventura de lhe ouvir chamar-me não padrinho mas pai. Eis tudo transtornado por essa... serigaita... essa ventoinha! É preciso pôr cõbro a isto! É preciso achar uma solução...

E querendo mostrar-se firme mas não podendo conter as lágrimas, saiu arrebatadamente da sala. Pelas faces de Margarida também elas corriam abundantemente. Também ela tinha sonhado com a mesma ventura que, todavia agora, só ambicionava para a irmã, pedindo a Deus que a modificasse, que a tornasse merecedora da estima do pai e do filho e não fôsse para este somente objecto de diversão e capricho. Mas o velho seria inflexível e ela sentia-se naquele momento na obrigação rigorosa de procurar a solução que o caso exigia.

Nessa noite, como em resposta ao aflição apê'o de Margarida à Divina Providência para que lhe mostrasse o caminho a seguir, a irmã despertava queixando-se de mal-estar e fortes dores de cabeça. Ardia em febre e, no dia seguinte, era transportada para o hospital.

— São bexigas e da pior espécie, dissera o médico.

— Minha irmã... faz-me um favorzinho?...

O vulto branco da Religiosa inclinou-se sobre o leito onde a pobre Carlota estivera entre a vida e a morte e jazia ainda, se bem que já entrada em convalescença, débil e esquelética e com o rosto todo picado.

— Vamos lá a ver o que é, disse sorrindo e ajeitando-lhe carinhosamente a almofada. Não será alguma das suas toncices?...

— Julgo que é pior ainda... Era... se me trazia um espelho...

— Eu não dizia!...

Quería a boa irmã dar um tom leve e despreocupado às suas palavras mas uma profunda comiserção e ternura pelo pobre farrapito humano que mal se esboçava sob as roupas ressaltavam-lhe no olhar.

— Mas minha filha, um espelho é objecto que se não aveza por aqui e depois...

— Depois... receia que eu fiquei horrorizada... Mas eu tenho olhos nas pontas dos dedos...

E passava a mão exangue pelo rosto.

— Não, tontinha... mas é que não vale à pena verificar uma coisa que se modificará quando a menina comece a engordar... É muito nova...

Respeitemos Os Frutos!

Nesta altura do ano em que as árvores se encontram carregadas de frutos, vêm a propósito algumas considerações que julgamos oportuno fazer aqui.

É mais ou menos geral, em todas as regiões do País, o mau, o péssimo e abominável costume de não respeitar a fruta que aos outros pertence. Muitas vezes não se rouba, para vender ou estragar, rouba-se para comer, porque, é já ditado corrente, roubar para comer não é pecado.

Não está certo! Roubar mesmo que seja para comer, desde que isso se faça por simples mau hábito ou gula, como 99 por cento das vezes acontece, é pecado e bem pecado. Só o não será quando a necessidade for tanta que nada mais tenhamos com que matar a fome, como os Apóstolos que, um dia, para enganar o estômago, se viram obrigados a deitar a mão a algumas espigas de trigo, num campo através do qual faziam viagem. Por isso N. Senhor os desculpou e defendeu.

Não se dando este caso, não nos encontrando nestes apuros, não nos é permitido mexer naquilo que é dos outros, sob pena de sermos ladrões e roubadores.

Não roubemos, por isso, fruta!

Respeitemos os frutos, para não ofendermos a Deus que, no 7.º mandamento da sua santa e divina Lei, nos impõe a obrigação de *«não roubar»*. Será apenas um pecado venial, a maior parte das vezes, mas nem por isso deixa de ser um pecado, uma ofensa ao nosso Criador e Bemfeitor.

Respeitemos os frutos, para não ofendermos a justiça que manda dar a cada um aquilo que lhe pertence, respeitar a propriedade alheia é ter a devida atenção pelos direitos do próximo. *«Tirar a quem cultiva a terra — diz Leão XIII — o que ele lhe fez produzir com o suor do seu rosto, seria contra toda a justiça. O fruto do trabalho é propriedade legítima de quem fez esse trabalho.»*

Respeitemos os frutos, para não prejudicarmos os seus donos já de si tão sacrificados. Anda tantas vezes um pobre agricultor a cavar e a regar a sua terra, a cultivar e a tratar o seu pomar, com tantas despesas, tantos suores e tantos sacrificios, para depois ter a consolação de comer ou apresentar a um amigo o fruto das suas carceiras e dos seus trabalhos, e afinal de contas vem um indivíduo menos respeitador da propriedade alheia, e levantando-lhe hoje uma maçã, amanhã uma pera, deixa-o sem nada com que possa saber ou dar a saber que tal é o fruto das suas árvores. Não pode ser! Muitas vezes, não é pelo valor real das coisas, é pela estimação que delas se faz.

Respeitemos os frutos, por respeito para connosco mesmo. Quem vai

roubar, não pensa bem no perigo a que se expõe. Pode vir inesperadamente o dono que o maltrate, fira ou espanque. Pode haver uma testemunha que o acuse e, levando-o ao tribunal, o obrigue a pagar, por cem ou mil vezes mais, o valor das coisas. E quando tal não suceda, pode ser visto por um inimigo que terá sempre uma pedra para lhe atirar, o feio e horrendo nome de «dado» para lhe pôr.

Respeitemos os frutos, para que Portugal seja um País mimoso e farto de fruta — esse precioso alimento que tanto bem faz à saúde do corpo. Portugal podia fazer uma autêntica riqueza na produção da fruta, quando, infelizmente, há tantas terras, por esse País fora, onde o povo que tão regalado podia viver, não sabe o que é uma maçã, uma pera, um melão, uma melancia, por causa da maldita roubalheira. Como todos sabem que, por mais que trabalhem, nada lucrarão, deixam de semear, deixam de cultivar e muitos há que, desesperados com tão pouco respeito por aquilo que é seu, até arrancam as árvores que já tinham a produzir e a dar. Digam-nos os leitores se isso não é uma dor de alma.

Respeitemos os frutos, e façamos-lhes respeitar, se doutra maneira não puder ser, ao menos com o rigor das leis. Párocos, professores, autoridades e sobretudo os pais de família, todos se devem empenhar nesta importante campanha de educação do nosso povo, nisto como noutras coisas, infelizmente, tão mal habituado.

E por outro lado, façamos todos grande propaganda das árvores de fruto, porque quanto mais fruta houver, menos serão os ladrões, os amigos daquela que lhes não pertence.

Bolachas para diabéticos

DIGESTIVA
Ótima, também, para doentes convalescentes e pessoas fracas.
É um produto da Fábrica Confiança.
A VENDA EM TODA A PARTE
QUILO ESC. 24500



Engordara muito

As mulheres recebem, muitas vezes, conservarem-se esbeltas, por sabermos que as dietas rigorosas e os remédios para este efeito são em geral coisas perigosas. Esta senhora encontrou, porém, uma maneira perfeita e saudável de emagrecer. Tinha apenas 1,50 de altura e, há 7 meses, pesava 66 quilos. Começou a engordar de tal forma que se resolveu a experimentar os Sais Kruschen, tirando resultados imediatos do tratamento. No primeiro mês perdeu 2 quilos, e no fim de 7 só pesava 57 — tinha diminuído 9 quilos de excesso de gordura. Hoje sente-se de ótima saúde e melhor sob todos os pontos de vista, graças aos Sais Kruschen.

Não há razão para que não tire os mesmos proveitos e não se veja livre dessa gordura doentia, quando a ciência lhe proporciona uma maneira segura e efectiva de o conseguir — pela colher de chá de Sais Kruschen todas as manhãs, num copo de água quente. Kruschen auxilia os órgãos internos a desempenharem as suas funções — eliminam diariamente as matérias não digeridas e os perigosos venenos, que, acumulados, se transformam na feia gordura.

Sais Kruschen

Vendem-se em todas as farmácias.

Este número foi visado pela Censura

Portugal Previdente
Capital e reservas disponíveis
7.000.000\$00 Escudos.
SEGUROS DE VIDA



IMPÉRIO CRISOS AVIZ
São marcas de inteira confiança

IMPÉRIO CRISOS AVIZ
São marcas de inteira confiança

IMPÉRIO CRISOS AVIZ
São marcas de inteira confiança

FABRICA TRIUNFO
A. JOÃO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:

Lisboa — Camisaria Moderna — Rosio, 110; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C., Lda — Rua Augusta, 250; Chapellaria Júlio César dos Santos — Largo do Corpo Santo 12; Casa Natal, Lda — Rua da Palma, 6; Camisa D'Ouro — Praça do Brasil, 15-A; Chapellaria Phenix — Rua de Alcântara, 43; Marques & Antunes — Rua da Graça, 89. Porto — Estabelecimentos Lemos — Praça da Liberdade; Camisaria Confiança — Rua Santa Catarina. Albergaria dos Doze — Manuel Marques Morgado. Alcobaca — José Bento da Silva. Alfândega da Fé — Alvaro José Pires. Aljô — Francisco Gonçalves Martinho. Aljustrel — Fernandes & Pannels. Almodovar — Colaço & irmão. Anadia — Acácio de Vasconcelos, Suer. Belmonte — Robalo & Baptista. Cabecinhas de Basto — Francisco Gonçalves Pereira; Abílio Gomes Pereira. Cacilhas — Chapellaria Gaspar, Caminha — José António Pires. Castro Verde — António Tomaz Lopes. Chaves — Adelino Rodrigues Sarmento; António Joaquim dos Santos. Covilhã — António Tarouca. Faro — Casa Cibelo, Figueiró dos Vinhos — João Luis Júnior. Guarda — António Guedes. Macedo de Cavaleiros — Nunes & Maldonado. Merceana — Manuel Francisco Lopes. Mirandela — Justino de Moraes, Filhos. Mogadouro — José Clodomiro Guimarães. Odemira — António Portela da Silva, Lda. Oihão — Francisco de Sousa Azevedo Júnior; J. C. Trindade. Oliveira do Hospital — José Maria Gomes da Silva. Ourique — Eduardo Silva. Ponte do Lima — José Lopes Martins. Portalegre — Manuel Grade Ribeiro. Portimão — José da Encarnação Guinote. Régua — Macário Coelho Azevedo. Riba de Ave — José Pereira da Silva, Filhos. Santarém — A. Sampaio. Santiago de Cacém — Manuel José Gonçalves; Soares & Soares, Suer. Lda. Santo Tirso — Américo Magalhães Costa. Viana do Castelo — Carneiro & irmão, Suer. Vila Flor — Maximino Corrêa, Filhos. Vila Real — Castelo & C., João Augusto Corrêa. Vila Real de Santo António — José da Trindade Coelho. Trancoso — António J. Alexandre, Visu. António da Silva; José Rodrigues Figueiredo.

AS COMICHÕES DO ECZEMA SÃO UM TORMENTO



O ECZEMA QUE NOS ENLOUQUECE é sob a pele que se mata, porque é sob a pele e não à superfície, que se encontram os germens que lhe dão origem.

O remédio inglês D. D. D. não se contenta em aliviar o mal, elimina-o. Penetrando profundamente nos poros, atinge e mata os micróbios geradores do Eczema, Dartros, Herpes, Borbulhas, Comichões, etc. Nenhuma afecção da pele resiste a algumas aplicações do remédio inglês D. D. D.

Representante e Depositário:

António Madureira

Rua Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141 — Porto.

GRAÇAS

de Nossa Senhora da Fátima

Estão muitíssimos relatórios de graças arquivados à espera de vez para serem publicados. Por isso não é de admirar que haja sempre uma demora de cerca de 5 anos entre a entrega do relatório e a sua publicação.

NO CONTINENTE

Francisco Pereira — Lage — Vila Verde, deseja agradecer a Nossa Senhora da Fátima o tê-lo librado de um padecimento no estômago de que há muito tempo sofria. Para mais facilmente obter a protecção de Nossa Senhora, confessava-se e comungava todos os dias 13. Tendo alcançado, a sua cura, como afirma, deseja manifestar aqui a sua gratidão.

D. Albertina de Jesus Ribeiro — Fornelos — Penaguão, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças concedidas a duas pessoas de sua amizade.

D. M. Adelaide Pelote — Casével de Santarem, diz o seguinte: — «Estando muito aflita com os seios inflamadíssimos, passados já quatro dias depois de dar à luz um filho, sem ter leite para lhe dar, e sem possibilidade de mo tirarem a pesá-lo de se recorrer a todos os meios indicados pela medicina, recorri a Nossa Senhora da Fátima por intermédio de S.ª Terezinha prometendo publicar a graça se o leite espontaneamente voltasse para poder alimentar o meu filho. Como Nossa Senhora se dignou atender-me mesmo no próprio dia de S.ª Terezinha, — o dia seguinte àquele em que fizera a promessa, venho cheia de reconhecimento agradecer a N.ª Senhora da Fátima este tão grande favor em benefício de meu querido filho.

D. Armanda e Emilia Sá Guerra — Viseu, dizem ter alcançado de Nossa Senhora da Fátima a cura de sua irmã Maria Celeste, que estava gravemente doente. Cheias de reconhecimento para com tão boa Mãe e para honra e glória de Nossa Senhora da Fátima desejam aqui publicar este favor.

D. Maria Rosa Oliveira — S. Vicente do Pereira — Ovar, diz o seguinte: — «Meu marido, António Gomes dos Reis, teve uma pleurisia seca que fez recear pela sua vida. O médico assistente nunca o declarou em perigo de morte, mas dizia: — «nunca mais fica como era; o serviço dele, ao menos para este ano, já está feito».

Foi então que, com muita fé, me voltei para Nossa Senhora da Fátima, e, por sua maternal bondade, meu marido não só se restabeleceu da doença, mas recuperou o antigo vigor físico, applicando-se ao trabalho como dantes, sem as más consequências previstas pelo médico. Julgo isto uma graça de Nossa Senhora da Fátima, e desejo se publique para sua glória e testemunho do meu sincero e filial reconhecimento».

D. Maria José da Silva — Vila Nova de Ourém, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular que recebeu do Céu por sua maternal intercessão.

D. Teresa de Jesus — Montemor-o-Novo, diz ter recebido de Nossa Senhora da Fátima uma graça particular com a promessa do seu agradecimento público no Jornal do Santuário, o que hoje vem fazer.

D. Emilia Lúcia Miranda — Chamusca, diz o seguinte: — «É com a maior gratidão a Nossa Senhora da Fátima que aqui venho publicar a graça da minha cura. Entré para o Sanatório de Santa Ana em Parede, com o mal de Pott, em 22 de Janeiro de 1934. Em Fevereiro seguinte principiei a ter uma febre baixa e em seguida uma tosse

continua que me pôz num estado tal de fraqueza que já não podia ver a claridade do dia. Já me diziam que não podia continuar junto do mar. Foi então que a Irmã enfermeira que me tratava, me aconselhou a fazer uma novena a Nossa Senhora da Fátima, novena que principiei a 18 de Março. Quando faltavam 3 dias para acabar a novena principiei a sentir-me bem, com muito apetite, desaparecendo-me em pouco tempo a febre e a tosse. Nessa ocasião pesava 55k.800. Continuei a tratar-me do mal de Pott, e hoje, 29-XII-1935 recebi alta do Sanatório. Atribuo a uma graça de Nossa Senhora da Fátima a minha cura tão rápida. Actualmente peso 75k.700. Por tudo dou muitas graças à querida Mãe do Céu desejando que por todos seja amada com o Seu Bemdito Filho Jesus».

D. Maria de J. Fernandes — Angra, deseja aqui agradecer a protecção que Nossa Senhora da Fátima dispensou a uma sua filha e a uma sua sobrinha. Esta última, pouco depois de casar, esteve condenada a ter de submeter-se a uma operação de apendicite. Desde que o médico lhe manifestou tal necessidade cirúrgica, imediatamente foi invocado em seu favor o auxilio de Nossa Senhora da Fátima por meio de uma novena e outras orações e promessas. A graça não se fez esperar; a operação tornou-se desnecessária e a doente, dentro em breve, recuperou a saúde. Aqui fica o agradecimento destes e outros favores particulares.

D. Emilia Silva Fernandes — Angra, diz ter sido sua filha Alice livre de uns ataques que costumavam dar-lhe. O remédio que empregara, diz, foi chegar junto à doente uma imagem de Nossa Senhora da Fátima. Desde essa hora em diante, não mais teve ataque algum, pelo que foi feita em família uma novena em acção de graças em honra de Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria da Glória Alvernaz — Cedros — Faial, vem agradecer a cura da menina Maria Eduína Jorge, que, dizem, sofria gravemente de uma pertinaz doença renitente a todos os tratamentos médicos. Com o poder e bondade de Nossa Senhora da Fátima a quem se recomendou a cura da criança, bem de-pressa desapareceu a doença sentindo-se a criança completamente bem.

D. Maria do Jesus Pacheco — Ribeirinha — Terceira, agradece uma graça temporal obtida após fervorosas súplicas feitas a Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria Guilhermina Lopes — Lagos do Pico, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça obtida por sua intercessão, a libertação de uma cólica de carácter grave, de que fôra acometida.

D. Eduína Augusta de Oliveira — Castelo Branco — Faial, diz o seguinte: — «Eu sofria de uma bronquite asmática há 13 anos, e depois de me ter tratado com muitos médicos achava-me em estado de nada poder fazer e quasi nada poder tomar. O meu filhinho mais novo, de 2 anos apenas, adoeceu também com um eczema na cara. Os vários remédios que tomou nenhum resultado satisfatório lhe deram. Foi então que me lembrei de pedir a uma pessoa amiga umas colheres da água do Santuário. Dei a beber ao doentinho 3 colheres dessa água e lavei-lhe o eczema também com ela por 3 vezes ficando apenas uma colher de água que bebi com a firme esperança de me curar também. Daí a pouco o meu filho estava completamente curado do terrível eczema, sem mais remédio algum, e eu comecei a sentir grandes alívios, a poder fazer alguns serviços e a alimentar-me um pouco melhor. Já fez um ano em Junho de 1935 e nunca mais senti tal sofrimento. Faço todo o meu serviço, alimento-me de tudo e sinto-me bem, graças à protecção e bondade de Nossa Senhora da Fátima».

D. Maria Amélia Correia de Sá — Louro — Famalicão, tendo sua filha Teresa gravemente doente e quasi perdida, recorreu a Nossa Senhora dando-lhe a beber água da Fátima e prometendo publicar a graça da sua cura se a obtivesse. As melhoras sentiram-se imediatamente e progrediram sempre até ao completo restabelecimento que foi rápido.

D. Maria de Jesus Dias — Pórtio, tendo uma espécie de abcesso num joelho que o médico dizia ser preciso operar, recorreu também a Nossa Senhora da Fátima prometendo uma esmola e publicar a graça se a operação não fosse precisa. Sendo-lhe concedido tal favor aqui deixa o seu agradecimento público, tendo já cumprido as outras promessas que havia feito.

D. Clara Margarida Pires — S. Jorge, conforme o seu voto, deseja agradecer na «Voz da Fátima» uma assinalada graça que recebeu por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Manuel dos Reis — Penha Garcia, diz: — «Em Setembro de 1930 caí

enfermo com uma doença que parecia serem sezões. Durante 10 meses o sofrimento aumentava de dia para dia, a-pesar-de ser tratado por dois médicos. Depois, lembrei-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima pois só Ela me podia salvar. Pouco tempo depois de a Ela me ter confiado comecei a sentir ligeiras melhoras que, de dia para dia, iam aumentando com grande alegria para mim. Agora, há já 7 anos que me encontro bem. Por isso, é justo que venha publicamente agradecer a Nossa Senhora da Fátima tão grande graça que se dignou alcançar-me».

D. Maria de J. Fernandes — Angra, deseja aqui agradecer a protecção que Nossa Senhora da Fátima dispensou a uma sua filha e a uma sua sobrinha. Esta última, pouco depois de casar, esteve condenada a ter de submeter-se a uma operação de apendicite. Desde que o médico lhe manifestou tal necessidade cirúrgica, imediatamente foi invocado em seu favor o auxilio de Nossa Senhora da Fátima por meio de uma novena e outras orações e promessas. A graça não se fez esperar; a operação tornou-se desnecessária e a doente, dentro em breve, recuperou a saúde. Aqui fica o agradecimento destes e outros favores particulares.

D. Emilia Silva Fernandes — Angra, diz ter sido sua filha Alice livre de uns ataques que costumavam dar-lhe. O remédio que empregara, diz, foi chegar junto à doente uma imagem de Nossa Senhora da Fátima. Desde essa hora em diante, não mais teve ataque algum, pelo que foi feita em família uma novena em acção de graças em honra de Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria da Glória Alvernaz — Cedros — Faial, vem agradecer a cura da menina Maria Eduína Jorge, que, dizem, sofria gravemente de uma pertinaz doença renitente a todos os tratamentos médicos. Com o poder e bondade de Nossa Senhora da Fátima a quem se recomendou a cura da criança, bem de-pressa desapareceu a doença sentindo-se a criança completamente bem.

D. Maria do Jesus Pacheco — Ribeirinha — Terceira, agradece uma graça temporal obtida após fervorosas súplicas feitas a Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria Guilhermina Lopes — Lagos do Pico, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça obtida por sua intercessão, a libertação de uma cólica de carácter grave, de que fôra acometida.

D. Eduína Augusta de Oliveira — Castelo Branco — Faial, diz o seguinte: — «Eu sofria de uma bronquite asmática há 13 anos, e depois de me ter tratado com muitos médicos achava-me em estado de nada poder fazer e quasi nada poder tomar. O meu filhinho mais novo, de 2 anos apenas, adoeceu também com um eczema na cara. Os vários remédios que tomou nenhum resultado satisfatório lhe deram. Foi então que me lembrei de pedir a uma pessoa amiga umas colheres da água do Santuário. Dei a beber ao doentinho 3 colheres dessa água e lavei-lhe o eczema também com ela por 3 vezes ficando apenas uma colher de água que bebi com a firme esperança de me curar também. Daí a pouco o meu filho estava completamente curado do terrível eczema, sem mais remédio algum, e eu comecei a sentir grandes alívios, a poder fazer alguns serviços e a alimentar-me um pouco melhor. Já fez um ano em Junho de 1935 e nunca mais senti tal sofrimento. Faço todo o meu serviço, alimento-me de tudo e sinto-me bem, graças à protecção e bondade de Nossa Senhora da Fátima».

D. Maria Amélia Correia de Sá — Louro — Famalicão, tendo sua filha Teresa gravemente doente e quasi perdida, recorreu a Nossa Senhora dando-lhe a beber água da Fátima e prometendo publicar a graça da sua cura se a obtivesse. As melhoras sentiram-se imediatamente e progrediram sempre até ao completo restabelecimento que foi rápido.

D. Maria de Jesus Dias — Pórtio, tendo uma espécie de abcesso num joelho que o médico dizia ser preciso operar, recorreu também a Nossa Senhora da Fátima prometendo uma esmola e publicar a graça se a operação não fosse precisa. Sendo-lhe concedido tal favor aqui deixa o seu agradecimento público, tendo já cumprido as outras promessas que havia feito.

D. Clara Margarida Pires — S. Jorge, conforme o seu voto, deseja agradecer na «Voz da Fátima» uma assinalada graça que recebeu por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Manuel dos Reis — Penha Garcia, diz: — «Em Setembro de 1930 caí

O CULTO

de Nossa Senhora da Fátima

No país

O que na divulgação do seu culto têm feito até hoje, os Padres Dominicanos do Corpo Santo — Lisboa

Vendem: 25.000 livros em português intitulados «Nossa Senhora da Fátima» e enviados para várias partes de Portugal, Brasil, Africa e India; 13.000 livros em inglês; 5.000 albums em português; 5.000 albums em português; 25.000 novenas em português; 7.000 novenas em inglês; muitos milhares de estampas de Nossa Senhora da Fátima com legendas em português e em inglês; muitos milhares de Offícios de Nossa Senhora da Fátima.

Quanto a estátuas de Nossa Senhora, enviaram: 5 para Trinidad, 2 para Londres, 1 para Newcastle (Inglaterra), 8 para Dublin (Irlanda), 1 para Iralea (Irlanda), 1 para Sligo (Irlanda), 8 para diferentes partes de Portugal.

Na igreja do Corpo Santo vai levantar-se dentro em breve um altar em honra de Nossa Senhora da Fátima com uma grande imagem da Senhora.

No estrangeiro

NA HOLANDA
Piedosa morte por intercessão de Maria
Da Holanda escreve-nos o Rev. P.º Pedro van der Scheer, da Companhia de Jesus, a dar-nos conta duma graça singular.
«A 13 de Maio morreu no hospi-

tal um nosso antigo Aluno. Acabara de fazer duas novenas em honra de Nossa Senhora da Fátima. Teve uma morte edificante. Ao ter conhecimento de que a morte se aproximava, Vamos, diz, dê-me a medalha da Congregação e o Têçol e morreu diante da imagem de Nossa Senhora da Fátima que não cessava de contemplar nas últimas semanas de vida.

Nossa Senhora não lhe alcançou a cura do corpo, mas obteve-lhe coisa bem melhor.

Os pais ficaram muito consolados e têm esta morte como uma graça de Maria Santíssima.

Conservam como preciosa lembrança a imagem diante da qual o filho morreu na madrugada do dia 13 de Maio.

Ah! se soubesse como eu venero a Virgem da Fátima!

NO BRASIL

Os Seminaristas do Brasil, têm um belo órgão intitulado «O Seminário» onde ensaiam os seus primeiros voos na imprensa e onde muitos abalizados o vêm valorizar com as suas produções.

Tem percorrido o Brasil o Rev. P.º Luis Gonzaga da Fonseca, professor do Instituto Bíblico de Roma, mandado pelos seus superiores a fazer a visita Canónica nas Províncias da Companhia de Jesus naquele país.

A pedido dos Seminaristas publicou no «Seminário» um resumo das origens, desenvolvimento e Bênçãos que a Santíssima Virgem tem espalhado em Portugal e no mundo, sob o título de Nossa Senhora da Fátima, tornando ainda mais conhecidas e amadas as Aparições.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

no mês de Agosto	
Algarve	5.497
Angra	20.090
Aveiro	6.305
Beja	3.699
Braga	85.814
Bragança	14.009
Coimbra	14.373
Évora	5.388
Funchal	15.647
Guarda	21.912
Lamego	12.503
Leiria	15.797
Lisboa	11.890
Portalegre	10.941
Pórtio	56.649
Vila Real	28.751
Viseu	10.041
339.306	
Estrangeiro	3.883
Diversos	15.501
358.690	

Aos Assinantes do «BOTE VON FATIMA»

Participamos, por este meio, aos nossos assinantes que, em consequência das dificuldades cambiais com a Alemanha, nos vemos obrigados, com desgosto, a suspender por tempo indeterminado o «Bote von Fátima». Uma edição só para a Suíça e para os restantes países estrangeiros não seria compensadora. Agradecemos do coração a todos os assinantes o interesse que sempre mostraram pelo jornal.

Verlag Nazaré, Basileia
Secção do «Bote von Fátima».

Portugal Previdente

Agrupada na grande Companhia ADRIÁTICA cujo capital excede dois milhões de contos.
Seguros contra — Fogo — Desastres pessoais — Automóveis.

Portugal Previdente
Sede em Lisboa R. do Alecrim — 10
Segurar-se neste Companhia é viver em absoluta tranquillidade.
Agências em todo o País.

Voz da Fátima DESPESAS

Transporte	1.884.380\$97
Franquias, emb. transporte do n.º 203	5.048\$90
Papel, comp. e imp. do n.º 203 (358.690 ex.)	16.543\$60
Na Administração...	118\$00
Total...	1.906.591\$47

Donativos desde 15\$00
M.ª Baptista Leal — Vila do Conde, 20\$00; Elisio Costa — Pórtio, 20\$00; Joaquim Manuel Martins — Pórtio, 20\$00; M.ª Aufrère — França, 50 francos; P. António Joaquim Fernandes — Fornos de Algodres, 20\$00; Olivia Lopes Fonseca — Angra, 40\$00; António Seborro — Entroncamento, 100\$00; Vera Fontes Amaral — Mangualde, 20\$00; Eduarda Tav. Santiago — Lapa do Lóbo, 15\$00; M.ª Adriana Santiago — Lapa do Lóbo, 15\$00; Clementina Esteves — Lapa do Lóbo, 15\$00; Graçinda de Sousa — Lapa do Lóbo, 15\$00; Ana Augusta Correia — Lapa do Lóbo, 15\$00; José Freitas Lima — Mascoteles, 20\$00; Maria C. Costa — América, 1 dólar; Estamirinda Augusta Madeira — Rochoso, 50\$00; P.º José P. Simões — A-dos-Francos, 17\$00; Pia Eberle — Suíça, 30\$00; Henriqueta C. Monteiro — Pórtio, 25\$00; Teotónia Pamplona, 20\$00; Rosa Florinda — Açores, 1 dólar; António Ferreira Soeiro — Coimbra, 20\$00; Maria P. Lolipa — Castelejo, 20\$00; Ernestina Augusta Lopes — Avis, 20\$00; Maria Eug. Sarmento — Foz do Douro, 20\$00; Maria Augusta Borges — A-dos-Cunhados, 30\$00; Clementino Pissarro — Pórtio, 60\$00; P.º José Celestino Balazeiro — Pará — Brasil, 102\$00; Maria Rosa — Pórtio, 20\$00; Jaime Queijo — Sampaio, 15\$00; José Freitas Lima — Guimarães, 20\$00; Maria Isabel Russo — Cabeço de Vide, 26\$00; Catarina Beato Peralta — Nisa, 20\$00; José Barreto Garcia — Torrões Vedras, 60\$00; José C. Ourém — Coruche, 15\$00; Bento F. Gomes — Malhada Alta, 15\$00.

CRÓNICA FINANCEIRA

Dizem que a necessidade é inimiga da virtude e, para os indivíduos assim será, mas para as nações parece suceder pelo contrário, vindo a ser muitas vezes a necessidade a protectora da virtude. A França acaba de nos dar um exemplo notável em confirmação desta regra, com a promulgação do Código da Família.

Sabe o leitor e sabe toda a gente que a população francesa, depois de longo estacionamento, tendia a declinar desde os começos do presente século; e também sabe todo o mundo e ninguém o ignorava em França, que eram as práticas neo-malthusianas que produziam esse estado de coisas.

Também ninguém ignorava que era com o fim principalmente de evitar encargos materiais que os casais franceses reduziam a sua descendência na geral a um filho, muitas vezes a nenhum.

Claro que havia outros motivos para esse mesmo fim. Havia mães que não queriam ter filhos para... **manterem a linha** que o estado interessante realmente entorta um pouco. E por isso em certos meios, ter filhos passara a ser deselegante, um tanto ou quanto **Pires**, coisa de gente de somenos.

Outros casais não queriam ter filhos e não os tinham, para não deixarem de fazer as suas viagens, de ir aos teatros, de levar em fim uma vida larga, sem preocupações nem cuidados.

O francês é muito seguro nas coisas materiais, olha muito para o dia a dia da vida. Já há muitas dezenas de anos que os casamentos de amor **incondicionais** tinham desaparecido da França. Menina sem dote, era certo e sabido que não casava nem casa. Quem olha com tão estreitas vistas o casamento, não pode

ser mais generoso no que respeita à descendência. E neste particular qual era o panorama que se apresentava ao jovem francês recém-casado?

É um escritor francês, Ludovic Naudeau, que no-lo vai dizer, ou melhor, que o disse magistralmente há dez anos, a propósito dum inquérito que fez por toda a França para apurar as causas da desnatalidade na sua pátria: «Considerando o estado actual de nossas leis e de nossos costumes, um cidadão, se gera posteridade numerosa, inflige-se a si mesmo encargos imediatos e, pelo contrário, o auxilio que espera obter um dia de seus filhos é incerto, problemático, sujeito a contingências de toda a sorte. Quer seja no alojamento, que se torna demasiado pequeno ou demasiado custoso se foi preciso aumentá-lo; quer seja nos impostos, acrescidos na proporção mesmo da sua fecundidade; quer seja nas suas despesas diárias; quer seja nas suas despesas de representação, indispensáveis a todos aquelles que não são trabalhadores manuais, o pai **prolífico** chega sempre à conclusão de que, para merecer aquêle belo título, fez um péssimo negócio, foi um imprevidente, um estouvado, um temerário! A mulher sem as necessários **toilettes**, os filhos sem a educação e instrução que o pai lhes quizeria dar... E se o pai viesse a perder a sua posição, que seria dos seus? E aí o temos obrigado a mostrar-se tímido e obsequioso, ainda mesmo que seja de ânimo independente!

No entanto, é bem visível, que o seu colega celibatário ou malthusiano se regala, se alça a um plano de vida infinitamente superior, goza de todas as qualidades de prazeres caros, sai-se bem de todas as situações, recebe, intriga, desloca-se, pode mais facilmente suportar uma crise, tem meio de correr certos riscos e, em geral, está em melhores condições para **subir**. Perante este paralelo cuja evidência se nos impõe, pode alguém admirar-se de que os novos se casem com o propósito de se não porem na conta dos **parvos**? Serem heróis ou mártires de ânimo deliberado, não estão para isso».

Isto dizia Ludovic Naudeau vai para dez anos já em «L'Illustration», para explicar a desnatalidade francesa e para concluir que, se a França não queria caminhar para a ruína total e próxima, teria de modificar esse estado de coisas, tornando toda a nação solidária nas despesas a fazer com a criação e educação das novas gerações. De que nos serve o material de guerra, dizia L. Naudeau, se não tivermos homens que se sirvam dele? Se tanto dinheiro se gasta nesse material, porque não fazer as necessárias despesas com o material humano?

Isto perguntava L. Naudeau, depois de muitos outros, há dez anos, mas Governos e Parlamentos fizeram ouvido de mercador. Foi preciso que Hitler e Mussolini comessem a fazer política instrutiva e enérgica da natalidade, para que a França abrisse os olhos! E aí está como a necessidade se tornou amiga da virtude...

Pacheco de Amorim

Apostolado Protestante

Uma seita protestante, das que enxameiam por aí a fazer apostolado entre os descontentes, foi montar uma chafarica numa das nossas praias mais frequentadas no verão, rica de pescado e de lindas tradições religiosas.

Como matreiros pescadores de águas turvas, habituados a armar o anzol no enxurro, tinham uma esperança radiante de fazer uma boa «rapola», entre os marítimos, gente de fé profunda, mas pouco esclarecida, e entre os banhistas incautos, ávidos de prazer e de novidade, mesmo em religião.

A isca era provocante: comodidade de vida, facilidade de costumes e depois deste paraíso de regabofe cá na terra, logo outro à boca da cova que Deus dava unicamente a tróço da fé protestante. Enfim, um precioso achado, uma verdadeira pechincha! Pois não?... Quem seria capaz de resistir?

Mas a verdadeira fé não teme confrontos e um leve sópro da Providência basta para dissipar, como bolinhas de sabão, a beleza sedutora da mentira.

Punham os protestantes à porta da sua casa uma espécie de sacrista mesureiro que, como os fantoches nas barracas de feira, fazia reclame e estendia a mão aos transeuntes convidando-os a entrar.

Lá dentro havia a sermoa do pastor contra o culto dos santos.

Passou uma peixeira e vendo uma frontaria mascarada de templo, cedeu às instâncias e entrou devotamente. Também ela queria rezar à Virgem Senhora de Nazaré, que é advogada dos navegantes, pela boa sorte do marido e dos filhos.

Mas, terrível espanto! — mal poz pé lá dentro dá-se com uma sala grande, completamente nua, mais parecida com uma sala de baile onde uma vez tinha ido em chachopa, do que com uma igreja. Nem altares, nem santos, nem velas; metia pavor. Só uma Cruz no tópo, e era o único sinal sagrado naquele enorme casarão. Deu-lhe o coração uma pancada que aquela não era gente da graça de Deus. Suspeitou logo que seriam os herejes do nome santo da Virgem Senhora de que ouvira falar quando eles vieram no principio dos banhos, juntamente com os circos e os palhaços.

Percebeu o engano em que a

tinham metido e estava fora de si.

O Ministro protestante enchia então a boca de baboseiras contra a SS. Virgem.

A peixeira não se pôde conter: virou-se de repelão e saiu pela porta fora a exclamar:

— «Isto é que é uma maldita! E eu a supor que vinha aqui encontrar Nossa Senhora!...»

Desde que esta gente para aqui veio, caiu uma maldição sobre a praia: há um mês que não sai da água uma escama com que matar a fome à miséria, os barcos voltam-se, os homens morrem e o «leão sagrado» brame noite e dia trado contra nós.

E tudo isto sabem porquê? Por que já não há fé nesta gente que consente aqui esta corja a blasfemar da Senhora?»

Dentro ouviu-se o escarcéu da peixeira que estava a perturbar o recolhimento dos devotos, e saiu à porta um «diácono» muito irritado.

— Qual Senhora nem meia senhora, aqui só se ora a Deus.

— Pois se aí não está a divina Mãe, também não está Deus que a tem no céu à sua direita.

— Sabe-o lá você!... Ela é uma mulher como as outras!...

— Ah! seu desalmado, o que você merecia era dessa maldita língua feita em postas como uma pescada.

Então Ela foi concebida sem nojo da natureza e deu à luz o Menino Deus por obra do Espírito Santo e é uma mulher como as outras? Como a sua é que ela não é...

— O que lhe digo é que se você continua a fazer barulho e a insultar-me, eu mando-a prender.

— Prender?! — Aqui a regateira usou de gestos e expressões que só os fiscais do peixe podem ouvir, por dever de officio, quando no desempenho da sua missão fulminam ameaças semelhantes. — O que ninguém é capaz de me prender é a língua, porque hei-de dizer a toda a gente que vocês são os maiores malandros que a rosa celeste cobre».

Tinha-se juntado muita gente. O protestante vendo a distância uns remos a erguerem-se ao alto, prenúncios, de tempestade em terra, achou prudente recolher-se. E a religião de Lutero não dormiu à beira-mar.

P.

PALAVRAS MANSAS NOTAS DE FÉRIAS

D. João de Magalhães e Avelar foi bispo do Pôrto, desde 1816 a 1833, ano em que morreu na sua terra natal, Arneiros (Vila Nova do Souto de El-Rei) na ribeira do Balsemão, junto de Lamego. Profundamente bom e singularmente erudito, não pôde resistir por mais tempo à saúde do seu rebanho e da sua livraria.

D. João de Avelar não era um político combativo e faccioso. Antigo professor e decano da faculdade de Cânones, na Universidade de Coimbra, era sobretudo um prelado de gabinete, de hábitos simples e regrados, muito estudioso, que a política dos homens apenas conseguia importunar.

Mas como tinha aceitado e defendido em documentos oficiais a realza de D. Miguel de Bragança, quando soube do desembarque dos liberais no Mindelo, passou o rio, com alguns familiares, e poz-se a caminho da sua terra natal, com paragem mais ou menos demorada em Freigil, a terra de minha Mãe, onde era abade, muito querido e prestigioso, Bernardo de Magalhães Barbedo e Avelar, irmão do ilustre prelado.

A freguesia de Freigil, toda conservadora e católica, numa das ribeiras do Douro, a defrontar com o bispado do Pôrto, devia ser por esse tempo um ponto excelente de observação e de espera. A residência atoreada, com molduras góticas nas janelas mais antigas, tinha o aspecto dum paço senhorial e junto da capela-mor da igreja paroquial, mandou o abade construir uma espécie de tribuna, onde o sr. Bispo velhinho, fugitivo e triste, podia assistir à missa. Conheci ainda uma velhinha que se lembrava muito bem de o ter visto na residência e na tribuna, com a profunda e indelével veneração de quem tivesse merecido a Deus a graça de ver um santo...

D. João de Magalhães e Avelar saíra do Pôrto a tempo. Com o exército liberal, entrou pouco depois na cidade Fr. Manuel de Santa Inês, que se instalou no Paço Episcopal com estes títulos: «governador, vigário capitular, bispo eleito deste bispado e governador do arcebispado de Braga», como consta dum livro de matrícula de ordinandos arquivado na Câmara eclesiástica do Pôrto. Só isto!

Para este intruso sem escrúpulos, ídolo dos liberais do seu tempo, que tinha nas atitudes, nos gestos e nas palavras gravidade, daçura e unção, a Papa era D. Pedro de Bragança e o cardinal vigário era Joaquim António de Aguiar. Como a paixão política, capaz de todos os atropelos e de todas as audácias, apaga a chama da fé nos sepulcros branqueados!

O Bispo não resignara, sendo a respectiva jurisdição exercida por quem de direito. Só podiam pensar em havê-la por outra via intrusos gerados nas entranhas monstruosas da Dedução Cronológica.

D. João de Magalhães e Avelar costumava administrar o sacramento da ordem na capela interior do seu paço episcopal. Apenas uma vez, por atenção com o cabido, ordenou na Sé um cônego.

Não tinha sucedido o mesmo, com o seu antecessor D. António de São José e Castro. Este prelado, da casa dos condes de Rezende, conferia ordens habitualmente na Quinta de Santa Cruz do Bispo, que por esse tempo devia ser um paraíso. Corria por ela o Leça, vagaroso e dormente, entre muros de alvenaria, que pareciam de jardim. Bancos de pesca aqui e além, ao fundo de pequenos lanços de escadas. Barcos de recreio. Árvores seculares formando sobre a água um toldo de maravilha. Dum e doutro lado do rio, espaçosos jardins do melhor recorte francês.

D. António de São José e Castro preferia a residência de Santa Cruz ou por amor à solidão, como monge de São Bruno, saído da Cartuxa de Laveiras ou por amor de aristocrata à natureza campestre, como a pintara Watteau. Fosse como fosse, devia deixá-la com saúde quando entrou na junta do governo do reino, na ausência de Dom João VI e foi eleito patriarca de Lisboa.

D. João de Magalhães e Avelar conferiu ordens a dois dos seus sucessores — D. António Bernardo da Fonseca Moniz e D. João de França Castro e Moura, àquele com demissórias de Braga e a este, que era de Gondomar, como Bispo próprio. D. António Bernardo foi seguidamente Bispo do Algarve e do Pôrto; D. João de França, depois de largos anos de missão no Oriente, passou de Bispo eleito de Pekim a Prelado da sua diocese de origem. Grande Prelado! Para ele, como para os apóstolos, quando se tratava de obedecer a Deus, não contavam os homens, por mais alto que estivessem. O parlamento português teve um dia a prova disso.

D. João de Magalhães e Avelar era um sábio. O P.º Inácio de Macedo, que fez com muito brilho a oração fúnebre de D. João VI na Sé de Braga, dedicou-lhe este trabalho impresso, dizendo com a Escritura: **major est sapientia tua quam rumor.**

Extraordinários talentos, acrescenta logo depois, honram actualmente no Pôrto a cadeira episcopal.

Os últimos dias de D. João de Magalhães, já com 79 anos, foram duma tristeza infinita. No seu paço episcopal Fr. Manuel de Santa Inês, o lobo a contas com o rebanho; na sua diocese a guerra civil e o esbôço dum cisma; a sua biblioteca, de trinta e dois mil volumes, e a sua preciosa colecção de moedas e medalhas atribuídas pelo confisco ao património do Estado...

Os velhos sabem morrer no seu pósto, mas para sofrerem mais, já não sabem defender-se.

A consolar o santo Bispo, a tornar-lhe o cãlis da paixão menos amargo, o carinho da família, a veneração dos bons, o amor da sua terra, a memória dos seus estudos e o túmulo a abrir-se-lhe perto do berço, sinal certo de coerência e de unidade na vida.

Foi sepultado com todas as honras na capela-mor da Sé de Lamego, onde então não havia Bispo.

CORREIA PINTO



O Senhor D. Rafael, venerando Bispo de Cabo Verde, na Consagração da Missa pelos doentinhos

FALA UM MEDICO

POBRES VELHOS!

XXXIX (1)

Quando aparecem os primeiros cabelos brancos a uma pessoa, é costume surgir logo, à volta dela, empurrando-a às fochinadas, uma alcatela de jovens, ansiosos de lhe ocupar o lugar.

Entre as características dos tempos de hoje, conta-se o desrespeito pela velhice.

Não há muitos anos que um grande poeta nosso teve a infeliz ideia de traduzir para português um opúsculo de Emilio Faguet (DA VELHICE), em que se injuriavam os velhos, aos quais se atribuem inúmeros defeitos: são doentes, maçadores, impertinentes, egoístas, avarentos e profundamente ridículos.

«Todo o velho é ridículo, diz Faguet, a menos que não seja completamente imbecil, o que é, afinal, o caso mais frequente».

É tão desgraçada a velhice que o escritor francês termina deste modo o seu livrinho:

«Todavia, a minha última palavra sobre a velhice será, como deve ser, que desejo sobretudo que não cheguéis a ela».

É espantoso como foi possível acumular tantas injúrias sobre as venerandas cabeças dos velhos.

É certo que eles têm defeitos como toda a gente; mas também podem ter utilísimas qualidades.

Morreu há pouco com oitenta anos, o higienista Ricardo Jorge. Pois ainda está para nascer quem possa, mesmo de longe, comparar-se a ele.

Tem oitenta anos o etnógrafo Leite de Vasconcelos, que talvez fique, para todo o sempre, o maior de todos os sábios portugueses na sua especialidade.

Oitenta anos já fez também o venerando jornalista Fernando de Sousa e ninguém contestará que ele é o maior de todos os mestres da sua profissão.

Bem sei que se trata de excepções; mas é verdade que elas não são muito raras.

Como quer que seja, é preciso honrar e venerar os velhos.

Pela minha parte, ao contrário dos votos do acadêmico franoês, a todos desejo que morram de velhos, tanto os que respeitam como os que odeiam a velhice: aquelles para sua felicidade e a estes para seu castigo.

P. L.

(1) O artigo do N.º 203 da VOZ DA FATIMA devia ter o número XXXVIII.